



Gaiato

9 DE DEZEMBRO DE 1972
ANO XXIX — N.º 750 — Preço 1\$00



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Varanda de Beire

A minha condição de homem livre e a minha responsabilidade de cristão e cristão-padre, não me deixam, por mais tempo, calar a alienação socio-religiosa que se processa aqui às portas desta Casa e Calvário de Beire.

Tenho de denunciar, porque o silêncio, neste caso, é colaborar na exploração dos homens meus Irmãos; é defraudar a solidariedade e liberdade a que têm direito e, ainda, a própria Verdade; é consentir na infantilização da mentalidade religiosa da nossa gente simples, que não é capaz de discernir um simples fenómeno natural — e até vulgar — duma manifestação divina. Confunde-se, assim, credice, superstição, ignorância — com Religião.

Tudo isto acontece aqui à nossa beira sem que se levante um dedo para suster este estado de coisas; sem que se procure esclarecer a realidade e se acabe com o mito e a extorsão hábilmente aproveitada por oportunistas, de multidões lesadas, material e espiritualmente. Por isso protesto e denuncio.

O Evangelho anuncia a Salvação aos homens e a libertação dos oprimidos. Ora não é uma vivência religiosa esta romaria a terras de Beire para verem um morto. Muito menos uma vivência de Fé e Caridade Cristã.

Porque acredito na Virtude Teológica da Esperança, jamais poderei duvidar da Misericórdia infinita de Deus. Não discuto, pois, a possibilidade de o morto a que chamam «santo» o ser em verdade. Acredito na Ressurreição e no que rezamos numa das Anáforas Eucarísticas: «...enviou o Espírito Santo aos que n'Ele crêem, para continuar no mundo a Sua Obra e consumir toda a santificação».

Se o morto de Beire seguiu este programa de vida, é Santo. Mas não pelo seu cadáver estar incorrupto.

Há, portanto, que pôr cada coisa no seu devido lugar. Há, acima de tudo, que não confundir para não alienar; pois, alienar é escravizar espiritualmente; e escravizar é destruir a pessoa humana; é negar-lhe a sua capacidade de viver livre e optar conscientemente pelo caminho da sua própria realização e destino.

Repito: pactuar, mesmo com o silêncio, é desviar os homens do Caminho, da Verdade, da Vida — que é Cristo. É esconder a autêntica face da Igreja. É drogar o Povo de Deus.

Padre Abraão

As nossas portas têm-se aberto nestes últimos meses a casos de situação extrema. Como fico contente!... Não da existência destas circunstâncias humanas! Isso é causa de profunda amargura e dor sem medida. Contento por ser remédio a estes males.

Não se acredita. O comum do mundo julga até que isto é ficção ou artimanha para armar ao dó! Como o mundo anda enganado!

O Jorgito veio há oito dias. Trouxe-o uma assistente do Instituto da Família e Acção Social de Lisboa. Telefonou-me muito aflita: — que o caso era muito urgente; que batera a outras portas; que o menino tinha cinco para seis anos; que a mãe o vendera a uns ciganos; que ele fugira, e ela tentou pô-lo debaixo do comboio; que agora pancada e mais pancada; que a criança estava muito traumatizada, etc....

As portas abriram-se e o nosso coração pôs-se em ânsias. Nessa manhã, o Sacrifício do Altar foi pelo Jorgito e por nós para que a fonte do amor fosse mais abundante!

Ele veio. O primeiro contacto provou-nos que as referências feitas à sua vida eram exactas. Na sala de jantar muitos levaram uma «garfada», outros tiveram de fugir; e eu, que com todo o jeito intervim, fui tratado, como nunca, apelidado de tudo o que há de mais torpe e mais sujo. O resto adivinharás. Uma sede imensa de ter amor! Uma repulência feroz ao carinho.

Há oito dias apenas. O Jorgito é já tão diferente! Procurámos com equilíbrio e firmeza amá-lo a sério e significar-lhe atentamente o amor que desejamos sentir por ele.

Ontem entrou na Capela, durante a celebração da Eucaristia, no momento da comu-

Setúbal

nhão. Estremeci com o pedido vivo de Jesus naquele instante: — «O teu amor por Mim só é sério quando te decidires a amar os que eu amo. Deixai vir a mim as criancinhas!...» A Maria Odília agarrou-o ao colo, apertou-o a si abafando-o com o casaco e viveu assim o encontro sacramental com o Senhor!... É preciso ter fé? É sim, mas a fé deste modo cria raízes mais profundas e mais saborosas!

Ele há por aí quem lave as mãos: — «O Estado é que deve solucionar estes problemas». Eu também entendo que a situação de extrema miséria em que se encontram os cidadãos, deve pesar sobretudo ao Estado, mas não posso lavar as mãos deixando um irmão meu, cair na degradação. Mais!... Quem é Mãe? — A Igreja. Onde está a Fonte do Amor de que estes pequeninos tanto carecem? — Em Deus. Que somos nós? — Testemunhas deste Amor. — Como testemunhá-lo lavando as mãos?...

De nada me devo orgulhar, senão da minha miséria, mas quando um organismo oficial me pede para um caso destes, sinto-me feliz por lhe dar resposta.

Os rapazes e alguns amigos a quem eu contei mais esta edição da nossa vida, volta-

CONTINUA NA TERCEIRA PÁGINA

A época natalícia tem, desta vez, importância especial para esta Casa do Gaiato. É que, para lá do seu significado profundo, compreende as comemorações das suas Bodas de Prata: 26 de Dezembro, a chegada dos primeiros Rapazes; 4 de Janeiro, Festa do Santíssimo Nome de Jesus, a sua inauguração oficial. Tendo começado, por assim dizer, ao bafo do Presépio, é

Aqui LISBOA

ao calor dos mesmos ideais e fundamentada no mesmo Alicerce que vai continuar, assim o esperamos, para sua eficácia

e testemunho de quanto se pode realizar quando os homens, para lá da sua pequenez e contingência, se dispõem a dar as

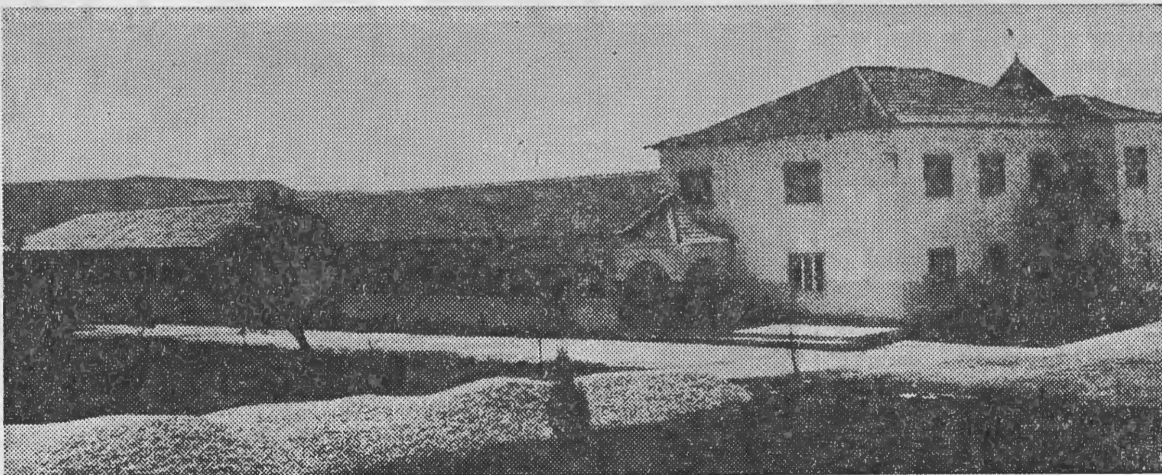
mãos e a ouvir a Voz do Alto. O cântico dos Anjos tem aqui contexto adequado, no seu louvor a Deus e no desejo de paz aos homens de boa vontade.

Quanto bem feito ao longo destes 25 anos é coisa que não sabemos nem queremos contabilizar. Os seiscentos e tal Rapazes que por aqui passaram até agora, muitos deles retirados de ambientes e condições infra-humanas, não são mero número de estatística. Mas se eles dão ideia dos trabalhos e das cansaças, dos sacrifícios e das renúncias, das alegrias e dos desaires, das vitórias e das derrotas, não nos traduzem, porém, nada da gesta heróica, que classificamos de humano-divina, escrita pelos nossos Predecessores e seus Colaboradores, Rapazes e Obreiros de fora, tantas

vezes anonimamente, mas que se pode resumir, apenas numa só palavra: amar. O saldo está escriturado no Livro da Vida e só a Deus pertence avaliar.

4 de Janeiro será o dia forte das nossas comemorações, com a inauguração das novas oficinas de tipografia e do Cruzeiro da Aldeia e a reunião íntima dos Obreiros de dentro e de fora, à volta das mesas do Altar e do Refeitório. Esperamos que a presença do Pastor seja o conforto para quem não entende o seu trabalho fora da Igreja e só com Ela quer trabalhar, na linha do que pensou e sempre desejou Pai Américo. De resto, tudo íntimo, sem exterioridades, revigorando forças para prosseguirmos, actualizando onde houver de actualizar, corrigindo onde for de corrigir, mas, ao fim e ao cabo, só a preocupação de continuarmos a conjugar, todos unidos, o mesmo verbo: Amar. Novos 25 anos nós esperamos e não há tempo a perder.

Padre Luiz



As novas oficinas da Casa do Gaiato de Lisboa — Santo Antão do Tojal (Loures) — em acabamento.

PELAS CASAS DO GAIATO

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

NATAL À PORTA — Faltam poucos dias! Em certos meios já soam campanhas de *bodos*. Alguns, com *distintas comissões*. Os qualificativos sobem mais alto: *da melhor sociedade*. E acontecem grandes reportagens. Custa. Custa muito ver os Pobres humilhados — paternalisticamente! Um mal que perdura. E deve acabar. Sobretudo em um País que se diz cristão. O Evangelho traça o Caminho certo. Diz como se deve proceder. N'Ele está a Lição. E que Lição!

DONATIVOS — As migalhas continuam. Verdadeiros «óbulos da viúva»! Logo de entrada, a assinante 17022. Habitual. Depois, a constância da assinante 17740. E logo a seguir um anónimo com 20\$00. Mais 50\$ de algures, «por alma de minha Mãe». Ó sufrágio! Passa, agora, a assinante 11162, do Porto. Ouçamo-la: «*Cá vai a migalhinha para os nossos irmãos. Quem dera a pudesse multiplicar milhares de vezes! Mas o pouquinho que posso dar é dado com o coração. Vai outra migalha igual para ajuda da motorizada...*»

Desculpe as notas serem tão velhinhas. Mas é para não fazerem barulho dentro do envelope. Percebe?»

Percebo, sim senhor. Que presença salutar!

Mais 100\$00 da Rua Presa Velha, do Porto, «por alma da nossa querida Mãe». Outro sufrágio cristão! Mais Porto «para os protegidos da vossa Conferência». Finalmente, estamos de acordo com «Uma avó antiga». Proceda como deseja. E não se considere antiga! O que os Pobres merecem é delicadeza e amizade. Torna-mos a estar de acordo.

Júlio Mendes

Paço de Sousa

REGRESSO — Depois de uma curta estadia em nossas Casas d'África, o Carlitos voltou ao serviço da Casa de Paço de Sousa.

Devido à sua ausência, foram suspensos os jogos. Não sabemos porquê... Agora, poderemos retomá-los. Os grupos desportivos escrevam. E se não nos for possível aceitar as datas propostas, combinaremos.

CATEQUESE — Recomeçou a Catequese para os mais pequeninos, das casas 3 e 4 da nossa Aldeia.

Os primeiros têm aulas às quartas e sextas-feiras. Os segundos, às terças, quintas e domingos — pela nossa Catequista do costume.

NOVOS GAIATOS — Entraram mais três para a nossa grande Comu-

TRANSPORTADO NOS AVIÕES DA T. A. P. PARA ANGOLA E MOÇAMBIQUE

Gaiato

nidade: dois caboverdeanos e um da Casa do Dr. Leonardo Coimbra. Os caboverdeanos — Adriano e Luís — ressentiram-se muito com a mudança de clima. Está tanto frio! Ainda não têm apelidos... O outro, já. Foi «baptizado», pela malta, de «Ciganito». Talvez por ser «raçado». Temos a nossa Casa completamente cheia!!

LIVRO «VIAGENS» — Está quase impresso. Faltam poucos cadernos. E os encadernadores não tardam a lançar-se em cheio na obra — para arrumar a edição. Falei em encadernadores, mas não temos; precisamos de os improvisar! Os pedidos de livros já começaram a chegar. E a edição vai ser um grande sucesso!

VISITANTES — São muitos os que passam pela nossa Aldeia — apesar do frio. E, tantos!, os que vêm até nós, várias vezes, durante o ano. Não falamos já em excursões. A nossa Aldeia, por vezes, parece uma verdadeira romaria...

FESTAS — É tema oportuno. Mas ainda não sabemos se haverá Festa. Segundo notícias do Júlio Mendes, «vai reunir o plenário para decidir». A expectativa mantém-se. O que não há dúvida, porém, é que os «artistas» estão desejosos de voltar a exhibir-se diante dos nossos simpáticos amigos do Norte do País.

Esperemos mais quinze dias. E, na próxima edição, comunicaremos o resultado do plenário.

Luís Nunes Marques

CALVÁRIO

FOLHAS CAIDAS — Temos pena que a chuva e o frio nos deitem as



Casamento em Benguela, do José Diamantino de Almeida e da Maria do Carmo.

folhas das árvores ao chão. Gostáramos de ver por muito tempo as pessoas que aqui estão a saborear as belas tonalidades. Mas, ao vermos que elas estão caindo, assentamos os pés para não sonharmos demasiado. Existem outras «flores» neste meio. E é pena que haja quem venha espreitar a beleza como se fosse um jardim zoológico!

O espectáculo continuará até depois das árvores despidas! Custa a crer que estes irmãos, carecidos de bens físicos, sejam para tantos homens como folhas mortas sem interesse de maior!

A prova está no correio que vai chegando: Muitas «folhas-mortas» a necessitarem de arrumo!

São mais as necessidades que aqui vêm dar todos os dias do que propriamente demonstrações generosas. Temos provas de que Deus não nos abandonou. Mas, amigos, será necessário dizer-vos mais alguma coisa?!

CAMPO SANTO — De vez em quando gosto de ir até junto dele relembrar histórias de vidas que aqui vieram terminar, corporalmente. Há paz e calma nos cantares dos pássaros. Ao longe, ouvem-se sinos e alfalantes. Tudo em movimento e reboliço. É tão puro o ar que ali se respira! Os pinheiros purificam o ambiente.

A nossa lembrança — nestas romagens — vai para centenas de incuráveis que nos têm batido à porta. E, por vários motivos, sofrem terrivelmente — e imerecidamente. Tantos! Oh mundo abre os olhos e vê...!

RENUNCIAR — Quem pensa que amar é fácil. Ilude-se. Amar pessoas da mesma família, muitas vezes é, também, pesada cruz. Quanto mais nos dermos aos outros, mais «recebermos». Isto pensa quem tem fé. É necessário, realmente, muito desprendimento para amar os rapazes, doentes e todos os sofredores que passam despercebidos dos povos e das gentes. A missão dos padres da Obra da Rua é, precisamente, deixar as «amarras» e darem-se. E este «dar-se» tem os seus riscos — a coroa de glória. Um deles, quanto a mim, é o cansaço. O esgotamento físico. Que não é o espiritual.

Manuel Simões

MIRANDA DO CORVO

FESTA EM FAMÍLIA — No passado domingo o nosso grande amigo senhor Fausto Branco convidou muitos dos seus amigos para se unirem a ele pela grande alegria da formatura das duas filhas.

Começou o encontro na Igreja, com a Missa de acção de graças e também de sufrágio pela mãe das duas novas doutoras, que faleceu quando eram pequeninas.

Um grupo dos nossos cantores encheu a igreja com cânticos de louvor e pedimos a Deus que lhes dê luz e as ajude a construir um mundo melhor.

No fim do acto religioso todos se encaminharam para nossa Casa, onde se ia realizar o copo de água, do qual depois todos participámos e que foi servido pela pastelaria Império de Coimbra.

Em todas estas manifestações de amor familiar e amizade estiveram presentes o senhor Presidente da Câmara, alguns professores da vila,

senhores padres dos arredores e outras pessoas de Miranda e de Coimbra.

Foi um ambiente de alegria e de naturalidade. Até os nossos «Bata-tinhas» apareceram com seus números de festa e receberam muitas palmas e muitos beijos.

Toda a gente gostou de os ver. Só ao fim da tarde começaram a sair daquele ambiente quente, não só pelo calor, mas sim pela amizade. O nosso Presidente da Câmara foi contentíssimo, pois era a primeira vez que vinha a nossa Casa, mas gostou tanto que lhe estava a custar ir-se embora.

Também nós gostámos muito de os cá ver.

Já tarde, um grupo foi até casa do senhor Fausto passar o serão à lareira; conversámos num ambiente de família. Sim, eles também pertencem à nossa família, pois todos os amigos nos pertencem.

OFICINAS — Consta-nos que o senhor padre Horácio andou a ver umas máquinas para as nossas novas oficinas, porque já quase não se pode trabalhar com as velhas.

Vão custar bastante. Mas é preciso que os Rapazes aprendam, para terem um futuro seguro. Tenho a certeza que todos os nossos amigos vão ajudar neste passo da nossa vida.

AZEITONA — Já está quase madura e boa para ser apanhada. Este ano vai ser custoso o trabalho. Não há gente. Estamos todos ocupados. Uns aqui, outros acolá. Temos de esperar pelas férias do Natal. Depois, com vontade, vamos todos colher o fruto que nos dará o azeite para todo o ano.

Manuel José

não a doação de mim própria.

x x x

Trabalhos feitos nesta Casa, e enviados para as seguintes terras: Lisboa, 1 tapete e 2 almofadas, mais 6 panos para sala de jantar, trabalhados com juta e ouro; estes panos são a 100\$ por metro. Portalegre, 6 chales pequenos — encomenda de todos os anos, de uma professora. Dezasseis panos para o Porto. Vila Moreira, uma colcha em lã e algodão. Visitas de Gondomar levaram pegas, soquetes e camisolos. Pelo correio foi uma colcha de casal e 3 panos para sala de jantar, para a mesma localidade. Moimenta do Dão, 5 Colchas. Vila Chã, 1 tapete e 4 tapetes. Em Setúbal, uma Senhora vendeu-nos vários trabalhos. Lisboa, 4 pares de soquetes. Torres Novas, uma colcha para berço. Besteiros, 1 chale. Porto, mais 3 colchas, 3 panos e 36 pares de soquetes. Para o Roupeiro do Porto, foram 50 casacos, 12 camisolos para homem e 12 de criança, encomenda feita por uma Senhora nossa amiga e que faz parte da Comissão. Obrigada a todas, pela ajuda que nos deram.

Cont. na QUARTA página



Carlos Miguel, de nove meses, primogénito do António Silva — que foi da nossa Casa de Paço de Sousa

Não há ainda respostas à sugestão levantada no derradeiro número sobre a oportunidade de um pequenino dilúvio sobre os fundos ressequidos do Património dos Pobres. Também não houve tempo! Mas oxalá ele seja uma invernada fecundante de promissora primavera, que nos permita ir dando a mão a tantos que nela estendem, na ânsia saudável de construir o seu lar.

A **procissão** redundou num encontro de Amigos, bem caloroso e amável, pela perseverança ao longo de tantos anos sem falha de comparência. Apreciamos-la muito. E em cada novo encontro há um aprofundamento de raízes da nossa fraternidade, fundada no amor a Cristo no Próximo — que é a única forma autêntica de O amarmos. Mas nós queríamos que a este aprofundamento correspondesse um alargamento da roda dos Amigos, a estender mais longe a sombra que abrigará mais irmãos em esforço por uma habitação condigna.

Temos dito e redito como, nas condições actuais da sociedade, a forma geralmente mais indicada, é estimular com um auxílio adequado a iniciativa daqueles que podem algo em favor de si-mesmos. Ajudá-los a não deixar inerte esse algo que podem. E o fruto que eles colhem, recolhemo-lo todos nós em uma Sociedade mais sã, porque melhor nascida em habitações condignas do Homem.

Mas a solução primitiva do Património dos Pobres não deixa de ser oportuna, ainda, muitas vezes. Esta semana tivemos ocasião de o sublinhar quando de uma paróquia nos pediam um pequeno auxílio para a pequenina casa necessária a uma mulher solteira e sem ninguém, que se aproxima dos 60 anos. Quantas dificuldades ela não terá para empreender a construção...! E depois dela feita, de nela morar os anos que tiver de vida — quando esta se extinguir, a quem irá servir aquela casinha? Não seria mais acertado, neste caso, que fosse a Paróquia a possuí-la, a dá-la hoje em usufruto a esta mulher e amanhã a outrém semelhante-mente precisado?!

A G O R A

Mas vamos lá à **procissão**, com os seus grupos bem conhecidos, já que há tanto ela não sai — e é dela hoje que se trata.

Comecemos pelos **Avulsos**. É gente menos certa, mas que aparece muitas vezes, quase sempre a propósito dos seus pagamentos ao **Famoso** ou à nossa Editorial. Da Emília, de Monção, 350\$. Da bem conhecida «uma portuense qualquer», este recadinho:

«Por falta de saúde, não me foi possível fazer o que é meu hábito desde a partida de Pai Américo para o Céu, isto é, enviar pequena lembrança para essa Casa, Calvário e Património dos Pobres, no dia 16 de Julho. Embora com atraso, aqui junto 500\$00 que gostaria fossem distribuídos da maneira seguinte: 200\$00 para o Calvário, igual importância para essa Casa e 100\$00 para o Património dos Pobres. Concorram?»

Muito grata lhes fico».

150\$00 do Eduardo da R. Moraes Soares. 100\$ de Maria Margarida, outro tanto de anónimo e 4.000\$ de Maria do Céu, deixados no Montepio Geral. O excedente de 2.000\$, «para pagamento das minhas assinaturas em atraso». 15.724\$ recolhidos no mealheiro do Teatro Sá da Bandeira. E 1.000\$ nas capas no fim da nossa Festa no Monumental.

«Deus quis que a corrente engrossasse. Este ano é o dobro — mil escudos — em acção de graças recebidas».

100\$ de Julieta, que nunca esquece quem habita a Casa «Ouvi-me Senhor». O dobro da assinante 33745. 50\$ do Porto: «São uma promessa que estou a pôr quase em dia». Dez vezes mais de uma médica de

Lisboa. 150\$ (e outro tanto para o Calvário), de M. B. Rebelo. De trocos esquecidos no «Espelho da Moda», 500\$. 150\$ de uma letra muito nossa conhecida.

Mais este recado de V. N. de Famalicão:

«É com grande alegria que envio a V. Rev.a, com destino ao Calvário e onde for mais preciso, a importância de 5.000\$, constante do cheque junto, que não é nada para o muito que eu e minha Família temos recebido do Senhor Jesus não só em bens materiais, como em saúde, alegrias e paz de consciência.

Depois do que ouvi no espectáculo que os Rapazes deram no Cine Teatro Augusto Correia, não tinha outra alternativa. Que o mesmo Senhor Jesus nunca vos falte com o entusiasmo, forças e graças para se completar a obra de abençoada misericórdia que Deus pôs no vosso e nosso

caminho para que a claridade do Calvário seja cada vez mais um acto de fé, de todos os filhos de Deus.

Peço a V. Rev.* para que reserve absoluto anonimato do signatário, ficando ao inteiro dispor, o que muito respeitosamente se subscreve, muito agradecido...».

Dividimos ao meio, pelo Calvário e pelo Património dos Pobres.

No grupo das Casas para que vários concorrem, só três presenças: Duas, de 150\$ cada do sempre certo da Casa do Licenciado; e esta:

«Mãe portuense agradece mais um ano de êxitos tendo já um dos quatro filhos concluído a formatura.

Envio 1.000\$ para a Casa dos Estudantes, pedindo a Deus que os outros 3 a possam também acabar e eu, todos os anos, tenha possibilidades de cumprir o voto de aos pou-

cos ir ajudando a construir a casa...».

E neste voto de uma Mãe, paramos hoje. No próximo número, se Deus quiser, encerraremos este encontro, com os **Pessoais**, os de todos os meses, as **casas por inteiro** e as **dela**s prestações.

P. S. — Hoje é 3.ª feira. O último jornal andou na rua sábado e domingo. Escrevi ontem que ainda não havia tempo para respostas. Pois o correio de hoje trouxe esta:

«Meus irmãos em Cristo: Não podia alhear-me da literatura escrita no **Jornal «O Gaiato»** e cuja rubrica, **Património dos Pobres**, me feriu a susceptibilidade e calou fundo no meu coração. Devo muito a Deus, não sei como pagá-lo. Assim e como parece que existe um ser humano que precisa de cobrir a sua casa, envio 1.000\$00 em cheque para ajudar tão grande empreendimento. Farei o possível para dar continuidade a este meu gesto. Que Deus me perdoe, bem como os homens e leitores por Ele no Seu caminho d'amor e caridade.

Não me esquecerei de vós. Eternamente grato pela v/ amizade».

LOURENÇO MARQUES

Com a mudança para as novas instalações, que o abastecimento de água demorou um pouco mais do que o previsto, a nossa Casa adquire outra dimensão de espaço, de ambientação dos Rapazes, de funcionalidade e até de panorâmica. Não há dúvida de que ficamos bem instalados. Se nalgumas coisas fomos um pouco além do necessário, devemos esse enriquecimento à antiguidade das outras Casas do Gaiato e ao interesse que tiveram em colhermos da sua experiência.

Este crescimento da Casa

em si, como instalação para Rapazes, longe de ser rápido, sofre uma crise de atrofia nas seguintes construções, pela falta de apoio oficial a nível apenas de assistência que, concretamente, desde 31 de Dezembro de 1970 não lográmos mais obter, por estranho que pareça.

Tenho-o afirmado e, por experiência de treze anos com responsabilidades dentro da Obra da Rua, tenho-o vivido e às vezes experimentado até ao amargo, que a nossa Obra tem selo da Providência; o que exige de mim uma confiança firme mas às vezes perturbada pelas minhas limitações e fraquezas como instrumento humano de que Deus quer servir-Se. Vivo no meu ser a angústia de ser estorvo aos desígnios de Deus. Mas «eu sou poeira», como diz Pai Américo; trago aderente toda a sujidade dos caminhos da vida, dos homens meus irmãos. E a grandeza de Deus em mim e para mim é mais manifesta. Poderei um dia experimentar a alegria da Obra realizada, mas sei bem que não me pertence.

A construção material, por mais que custe, é apenas em função dos Rapazes, para agrado deles e não do mundo que nos observa. E para além, bem dentro de cada um, há uma tarefa mais alucinante em realização, a exigir de mim preparação, tacto e capacidade de solução, que às vezes faltam. Há, também, exteriormente as falhas dos outros que se re-

percutem neles e fazem abalar o nosso esforço. Mas isso é assunto melindroso para este lugar.

Dentro da colaboração oportuna e impossível de obter pelos nossos recursos, temos presentemente um grupo de soldados de Engenharia a remover terras para os campos de jogos, a piscina, o recreio das escolas e um pequenino campo de demonstração de culturas para os alunos. Que elas já têm uma ampla sala adequada à formação doméstica, aliás, ainda sem a colaboração certa, tão prometida, de algumas senhoras. Pode dizer-se que este é um trabalho de mais profundo alcance criativo, no seu desabrochar de perspectivas de bem social, do que aquele, traumatizante da sua juventude, que os espera no norte, trabalho pesado, como as máquinas que manobram, mas tão radioso de esperanças como as almas que trazem no peito. A eles a nossa gratidão.

P. S. — Senhora de Lourenço Marques, deve estranhar falta de resposta a assunto importante para nós. A carta sumiu-se. Não temos endereço nem nome.

Padre José Maria



Cont. da PRIMEIRA página

ram-se para mim: — «Mas!... e a mãe do Jorgito não devia ser presa? E a autoridade não toma conta de uma pessoa assim?». Eu respondi: Com certeza também a mãe dela, a foi pôr debaixo do comboio...»

Padre Acílio



Página 3 9/12/72

NO PRELO

VIAGENS

D. Américo!

BRASIL AÇORES ÁFRICA MADEIRA

«Um livro de viagens... é uma viagem. Não vai apenas o seu autor; vão também os leitores».

2.ª edição — reordenada e aumentada

EDITORIAL DA CASA DO GAIATO

PAÇO DE SOUSA

ECG

Novos leitores de «O Gaiato»

● CORREIO ESCALDANTE

O correio — o vosso correio, estimados leitores — permanece verdadeiramente escaldante! Que momentos deliciosos nos concede a leitura de tanta correspondência, sobretudo de gente interessada em angariar novos leitores! E mais: dos próprios novos leitores!!

São horas de Vida. Nos jornais vivos é assim. Daí o possessivo diário, em tantas missivas e postais: «O nosso jornal». Assim mesmo — o nosso. Nem fronteiras, nem compartimentos estanques. Aqui o valor do «Famoso» — por mercê de Deus. Não é vaidade, nem «peneiras». Mas a verdade. Só Deus é capaz de fomentar e operar estas maravilhas, esta revolução, na alma de cada um. Na alma de todos nós. Só Ele. Mais ninguém.

Vamos mas é calar o bico. E dar a palavra ao assinante 9152, de Quelimane — a terra das palmeiras. Tão longe e tão perto, ó Mangal!...

«Agradeço o favor de considerarem como assinante de «O Gaiato» A..., para quem devem começar a remetê-lo.

Costumo ler com este Senhor as partes mais escaldantes de «O Gaiato», quando o recebo. Há dias perguntei-lhe se não estava interessado em o assinar. Eis a resposta: «Mas não ficaste, há muito tempo, de escrever pedindo a minha assinatura? Se o não fazes diz, que o faço eu». E é verdade. Eis o meu fracasso.

Com votos sinceros de que o Senhor vos ajude sempre, aqui vai um grande abraço...»

Mais Lume! Também crepita nas terras frias. Como na Guarda, embandeirada em arco. Eis a preciosa legenda da assinante 7796:

«Caros Galatos:

Com as minhas desculpas e um pouco de atraso, venho saldar uma dívida...

E, agora, com o coração em festa, aí vai o endereço de uma nova assinante, que fiz render à causa: emprestei livros, li

trechos de «O Gaiato», e o resultado foi positivo — fundindo-se o gelo...».

Ó fusão! Ó «coração em festa!» O calor do Senhor Jesus transmite-se de muitas e variadas formas, motivando todos — crentes e descrentes.

Esta comunhão espiritual é a maior riqueza de «O Gaiato». Vamos aquecer-nos à Braseira quentinha, ao altar doméstico da Margarida egitanense.

Mais legendas. São tantas! Pinheiro da Bemposta grita de lá: «Graças a Deus consegui mais um assinante...». Alegria cristã!

Agora, passa outro caminhinho. Um António, da Damaia. Representa — sem saber, talvez — uma pequenina legião. E diz assim, logo de entrada:

«...Gostaria de assinar «O Gaiato». Já há bastante tempo que tenho este desejo, adiado por isto ou por aquilo.

Como não sei se o endereço desta minha carta (Paço de Sousa) está correcto, pois não tenho o nosso Jornal, não junto já a minha contribuição...»

Como este, quantos amigos — por esse mundo fora?! Decidam-se! Não guardem para amanhã...

Aflige-nos saber de muitos que nos amam, alguns profundamente, mas conhecem a Obra da Rua imperfeitamente. Quando os topamos de cara, propomos logo a sua inscrição na família de leitores do nosso jornal. Há rostos que se tranfiguram d'alegria e satisfação — com um sim fervoroso. Como o daquele jovem licenciado — que não víamos há muito tempo — e com o qual nos cruzámos em uma rua do Porto. Foi um abraço. E a reparação de um fracasso.

● DE NORTE A SUL DO PAÍS

Não podemos alongar a crónica. Vamos proceder à síntese habitual. É uma procissão de respeito. E de frutuosa vivência.

No Instituto de Odivelas há uma Luz que não se apaga. E mandaram mais 7 novas jovens leitoras. A seguir, passa Estoril, Torres Novas, Rio Tinto, Carraiz (Ariz — Marco de Canavezes), Aveiro, Gaia, S. João da Madeira, Alhandra, Avintes, Águas Santas, Coimbra, Torres Vedras, Figueira da Foz, Alcobça, Beja, Cardigos (Rio Tinto), Barreiro, Paranhos da Beira, Santarém, Paredes Secas (Amares), Guimarães, Gulpilhares (Gaia), Caramulo, Oliveira de Azemeis, Vila Real, Água Longa (Santo Tirso), Carrazede (Lamarosa), Avanca, Silvã de Cima (Sátão), Póvoa de Varzim, Faro, Solposto (Aveiro) e Vilar Formoso.

De algumas dessas localidades chegaram numerosos grupos de mãos dadas. Não importa donde, como, quantos. Basta que Deus saiba.

● PORTO E LISBOA

Somos, infelizmente, cada vez mais, um País macrocéfalo, com vantagens e inconvenientes. São muitíssimo mais estes do que aquelas... Por isso, e apesar dos milhares de exemplares de «O Gaiato» que os nossos rapazes passam todas as quinzenas para outras tantas mãos, continua em forma a inscrição de novos assinantes lisboetas e tripeiros. Uns, eram leitores eventuais. Outros, perseverantes — mas desanimados com a natural inconstância dos pequeninos embaixadores do «Famoso». Outros, ainda, interessados por amigos da nossa Obra.

Porto e Lisboa, duas praças fortes. E com muita gente por descobrir! E à espera de quem motive. Mãos à obra?

● ULTRAMAR

Outra valente procissão!

Angola marca presença com Vila Sousa Lara, Quinjenje (Lobito), Nova Lisboa, Benguela, Soqueco, Luanda e uma grande lista do Cubal. Anda por lá muita inquietação!

Moçambique vai bem representada: João Belo, Lourenço Marques, Beira. E Matola — nome tão saboroso!

Júlio Mendes

ADVENTO

As doutrinas da cruz e da espada, da espada e do arado, não condizem com a Palavra do Senhor. O sinal dos «últimos dias», em que «se preparará uma montanha para ser a Casa do Senhor», à qual «afluirão numerosos povos» para «aprenderem os Seus caminhos e andarem pelos Seus passos», é este: «Os povos, convencidos do erro em que andavam, de suas espadas forjarão relhas de arado e das lanças farão fouchinhas. E já uma nação não levantará a espada contra outra e não haverá mais guerra».

Por outras palavras sintetizou o Papa, há poucos anos, esta velhíssima doutrina, ao definir: «O novo nome da Paz é Progresso».

É evidente, pois, que, desde o Profeta Isaías, Autor de quase tudo o que aqui vai citado, até aos últimos dias que estamos a viver, o Pensamento de Deus não mudou; nem cessou, «muitas vezes e de muitos modos», de ser proclamado aos povos que se preocupam em conhecer os Seus caminhos, em andar pelos Seus passos. É evidente, pois, que nem a Igreja é reaccionária nem se inclina para novidades de ideias ao defender intransigentemente a Cruz do equívoco que lhe custa a aliança com a espada; nem se desvia do seu ministério ao pregar a conversão da espada em arado.

A Cruz não se impõe. Toma-se sobre os ombros e leva-se por entre os homens, pacificamente, na «esperança activa» dos que hão-de vir tomá-La também. Não precisa do apoio da espada, nem este lhe convém. Mesmo quando assim se procedeu em outras eras, tal foi o fruto de uma mente mais afastada de Cristo de que a do nosso tempo. Na véspera da Sua morte, quando o Senhor foi entregue, Pedro, que uns momentos após O negaria, puxa da espada e corta a orelha de Malco. E que fez Jesus? Desfez o que Pedro fizera, reintegrando a orelha do servo do sumo sacerdote; e repreendeu-o: «Mete a espada na bainha, pois todos os que se servirem da espada, pela espada morrerão. Ou julgas que não posso apelar para Meu Pai que logo porá à Minha disposição mais de doze legiões de Anjos?...» Podia..., mas não

apelou. E os Anjos não vieram. O que veio foi a Cruz, que Ele tomou sobre Si; e assim fez d'Ela, para nós, Sinal da nossa vitória.

A Cruz não se impõe; oferece-se. Por isso Lhe não convém a companhia da espada.

A espada, quer sirva um duelo de iguais, de dois orgulhos, de duas ambições; quer pretenda dirimir um pleito de direitos duvidosos — é sempre ladra de aço que falta para arados. E há tanta terra por lavrar! E tantos homens que empunham espadas porque não têm arados! Não têm porque lhos não fizeram os que gastam naquelas, ao sabor do seu orgulho, da sua ambição, do seu caprichoso poder, o ferro que Deus pôs no mundo para arados — povos destinados a acabar pela espada, pois que «por ela morre quem dela se serve»; pois que sempre chegará a todos o ferro que Deus pôs no mundo, em espadas, quando não é em arados!

Porque não sobem os homens à montanha onde é a Casa do Senhor e não aprendem ali os Seus caminhos e não progredem pelos Seus passos, passos bemaventurados que espalham o Bem, que levam à Paz?!

«Vem, ó casa de Jacob» — vinde, povos que invocais sobre vós o nome de cristãos — «e andemos à luz do Senhor nosso Deus!»

ORDINS

Cont. da SEGUNDA página

Além dos habituais 200\$ mensais para os agasalhos dos doentes do Calvário, recebi vários donativos, para a porta da casa da nossa tecedeira de 84 anos. Além da porta, pôs-se rede a toda a volta do quintal. O dinheiro chegou para tudo e ela agradece a todos que lhe proporcionaram este bem-estar. Temos 4 colchas feitas em gaze e nylon para cama de solteiro a 250\$, 2 mantas de tiras a 80\$, soquetes a 20\$, pegas a 6\$ e 7\$50 e camisolas — tudo ao vosso dispor.

Maria Augusta



Esta noite fomos velar os restos mortais do tio Adelino Mouco. Há muito que tinha caído à cama e foram encontrá-lo sem vida, já frio. A surdez e a prisão da língua marcaram-no. A mulher cegou e é uma palheira, de mirrada que está. Os anos e os maus tratos levaram as forças de ambos.

Há muito anos que vivem da ajuda dos vizinhos. A casa é um antro escuro e sujo, onde o ar entra por muitas frestas. De tempos a tempos alguém vai fazer limpeza, mas não basta.

Eram ambos respeitadores. Ele ficava de boné na mão, quando saudava. Os nossos Rapazes gostavam de lhe encher a bilha de água da nossa fonte e pôr-lha ao ombro. Ele insiste sempre em se levantar quando sente a nossa mão e tem desgastado muitos terços a rezar. Até no verão tem necessidade de fogueira e os nossos carpinteiros levam-lhe braços de lenha com alegria.

Nestes anos quantas vezes temos sentido remorsos por aquela situação! Quantas vezes passei em frente e não entrei, desculpando-me com as pulgas e o mau cheiro! Quantas vezes

me tenho esquecido de que é necessário estar mais atento!

Esta noite pedi perdão para os meus pecados e para os pecados de omissão de todos aqueles que não estão atentos às aflições dos outros. Sabemos que há camas vazias para acudir, mas não há quem acuda, dando a vida e servindo por amor os que já não são capazes de se servir. Se tivéssemos mais braços, teríamos ido buscá-los para nossa Casa e não consentiríamos que a tia Maria de Ceira continuasse naquele abandono. Mas temos de cruzar os braços que não chegam.

Olhando para nossa Casa e para as Casas do mesmo género temos de aceitar a limitação. Não podemos receber porque não temos quem cuide. A grande dificuldade nestes casos não é a falta de dinheiro, mas sim a falta de pessoas. Aos concursos para bons empregos ocorrem multidões; mas aos concursos de doação da vida não aparecem candidatos.

Teremos de ir aos países vizinhos buscar quem nos venha acudir e substituir, como já acontece em algumas parcelas nacionais, e continuaremos a debandar em emigração?

A morte do tio Adelino e o martírio da tia Maria gritam-me e fazem-me gritar aos outros.

